

UMA COMUNIDADE IMAGINADA NA POESIA DE H. DOBA

Lilásia Chaves de ARÊA LEÃO

RESUMO: trata-se de estudo de um corpus selecionado da obra poética do piauiense H. Dobal, que suscitou a observação da pertinência do conceito de nação, em especial o nordeste como nação, partindo-se do pensamento de teóricos como Benedict Anderson e Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

1. Justificativa

A poesia de H. Dobal, principalmente, nos seus livros *O Tempo Consequente* (1966), *Província Deserta* (1974), mas também em *A Serra das Confusões* (1978), todos englobados na edição *Poesia Reunida* (2007), caracteriza-se pela temática do espaço rural, onde um “sujeito natureza” predomina, exibindo cenários em que o tempo conduz as ações, provocando clara sensação de *continuun* numa *dureé*, conforme Bérqson, interminável e paradoxalmente, às vezes, lento até alcançar uma impossível parada em uma certa tarde.

Nesses cenários, o tempo transcorre em mutações de manhãs, tardes, noites, chuvas, sol, nuvens de poeira - sequências em que o sujeito humano revela-se, quase sempre, (ao menos aparentemente), submetido ou à mercê desse tempo determinante.

O olhar poético parece observar tais cenários, em telas imaginárias de um passado acessado pela memória ou mesmo quando no presente mantém-se a uma relativa distância dos seus objetos poéticos. E quando esse olhar e sujeito poético “deixam-se encontrar” no poema, esse cenário revela-se como o passado de um menino ou seus devaneios quando adulto.

É intrigante a forma como se passa esse tempo, como já foi dito acima, numa sucessão cenários infínitos, fazendo com que o leitor se depare com a coexistência de dois tempos predominantes - aquele que se deixa medir pelo amanhecer e anoitecer, “montar e desmontar constelações no céu” e um outro tempo de onde se origina o olhar do eu poético presente na construção dos poemas.

Observado, observando ou inserido nesse sujeito natureza/tempo, um sujeito homem aparece, às vezes, entretanto numa “dimensão” sugestivamente menor, quando relacionado aos bichos quando “ruminam” ou ainda quando é associado a um “rebanho urbano”.

Para tentar entender esse sujeito tempo e sujeito homem nesse espaço rural das memórias do poeta, entregues à natureza dominante e diante deste conjunto poemático significativo, examinar-se-á um arcabouço teórico conceitual constituído por destacados estudiosos, tais como Benedict Anderson, Albuquerque Júnior e Homi Bhabha a fim de identificar a possibilidade de se conceber uma leitura analítica sustentada em concepções de nação e alguns outros conceitos correlatos desses estudiosos.

No decorrer do estudo, considerando que a poesia dobalina, ela própria, interpelou-nos acerca de alguns interessantes aspectos abordados por outros teóricos pesquisados, resolveu-se, à medida em que essa poesia ofereceu tais elementos provocativos para observação, comentar não somente os poemas do corpus inicial pretendido, mas alguns outros poemas publicado na obra completa, desde que estes suscitassem leituras acerca do tema e objetivo pretendido.

2. Leituras para uma nação imaginada

Optou-se principalmente pela concepção de nação nos termos propostos por Benedict Anderson no seu livro *Comunidades Imaginadas* (2008) e os estudos de Durval Muniz de Albuquerque Junior publicados no livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (2009), uma vez que os estudos do último dialogam estreitamente com os do primeiro – ambos abordam o tema nação sob pontos de vista que a consideram como uma construção imaginada, e afinal, imaginar e inventar são verbos criativos e sinônimos.

Nas principais obras selecionadas como corpus deste estudo, sobressai-se um universo peculiarmente poetizado, exibindo suas marcas especialmente definidoras de um lugar que se conserva à parte em relação aos parâmetros nacionais, o que o torna “particular” no seio dos projetos de modernidade conhecidos. Existe na obra poética de H. Dobal um conjunto de poemas que, mesmo publicados em livros diferentes, perfazem perfeitamente um universo à parte, pela afinidade temática que os une.

Propõe-se que o lugar poetizado é construído como uma espécie de quebra-cabeças, unindo os cenários, elementos e personagens de uma nação – a nação nordestina, subconjunto da nação brasileira. Entretanto, nessa visada poética, esse quebra-cabeças perfaz a “nação dobalina” que reiteradas vezes é mencionada pela crítica existente como “particular” porque vinculada ao mundo rural conhecido e reconstruído pelo poeta, mas também reconhecido pelos seus leitores.

Salta à vista que antes de ser essa nação particular, cujo sujeito tempo conduz as ações numa sucessão de imagens, a “nação dobalina” se insere na região nordeste, com suas marcas associadas à natureza agreste e reveladas por meio de um vocabulário extremamente seco que se faz especialmente significativo na medida em que consegue a exata expressão dessa secura.

Conforme faz constar Albuquerque Junior, foi na segunda parte do século XIX que surgiram os discursos regionalistas, exatamente quando a construção da idéia de pátria se impunha em território brasileiro. Ao mesmo tempo existiram reações, originadas de diferentes pontos do país, referentes a questões provincianas que traziam em si imbricadas as sementes do separatismo. Assim, diz este estudioso (2009, p.60): “o espaço perdia cada vez mais sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, artificial, construída pelo homem”.

Nessa mesma trilha de observação, Albuquerque esclarece a respeito da ocorrência de mudanças nas expressões desse regionalismo (2009, p.54) :

[...] assistimos, na década de vinte, à emergência de um novo regionalismo, não mais aquele difuso e provinciano do século XIX e início do século XX, mas um regionalismo que reflete as diferentes formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país.

Quando Benedict Anderson inaugurou o conceito de nação como uma “Comunidade Imaginada”, o termo estava diretamente associado à idéia de um tempo “vazio e homogêneo” (termo que tomou emprestado a Walter Benjamin), em que “a simultaneidade é por assim dizer, transversal, cruzando o tempo, marcada coincidência temporal, e medida pelo relógio e pelo calendário”. Entende-se que os tempos acelerados da modernidade e às vezes vagaroso do espaço rural, conhecidos pelo poeta, revelam-se como “linhas paralelas”, no qual os eventos se fazem observáveis nessa espécie de tempo “vazio e homogêneo” conforme pensamento de Anderson. Se por um lado o poeta vive um presente que o faz olhar o passado em devaneio e sonhos (tempo passado, constructo das memórias), por outro lado esse olhar não é mais um olhar pertencente ao passado, pois é um olhar construído pela nova realidade alcançada pelo poeta, presentificada, atualizada pelas viagens dentro e fora

do continente brasileiro, provedoras de significativas experiências longe do espaço rural poetizado. Existe uma superposição de tempos, uma simultaneidade em “tempos poéticos.”

2.1. Proposta de Leitura em Deslocamento

Como “exercício de aproximação” do objeto de estudo à teoria em foco, (e vale ressaltar que, neste tópico, este é o único objetivo), propõe-se um “deslocamento” desse conceito de nação, desse cunho histórico-social para o universo poético. Tal como refere o conceito andersoniano, os habitantes desse universo cantado pelos poemas sabem-se partes desse mundo inóspito regido pela natureza e nesta perspectiva também os leitores da obra poética, (se não a totalidade, mas uma parcela significativa deles) conseguem construir no ato da leitura, “num espaço-tempo imaginário” exatamente essa nação e seu povo, porque de alguma forma também fazem parte desse território poeticamente imaginado e se reconhecem enquanto parte dessa nação, mesmo à distancia, mesmo sem se conhecerem mutuamente. Essa “nação” dobalina, tantas vezes dita particular, permite uma espécie de “exposição de personagens poéticos” dentro da obra, mas também proporciona que tais personagens sejam identificados do lado de fora dela: as figuras humanas a “ruminar” e a se deixarem dominar pelo tempo. Somam-se aos “seres poéticos”, o poeta propriamente e uma “fatia de seus leitores”, que diante da obra, ao mesmo tempo em que integram essa nação, a imaginam povoada por esses “cidadãos poéticos”. Nesse constructo de deslocamento teórico, concebe-se uma nação-poética-imaginada, em que os acontecimentos não se verificam exatamente no mesmo tempo cronológico, mas num tempo que se permite entender como “vazio e homogêneo” semelhante àquele de que fala Anderson.

Para reconhecimento dos “cidadãos dessa nação”, seguem-se os títulos de alguns poemas, seguidos de um dos seus versos exemplares. Alguns personagens intitulam os poemas, outros somente os trazem em meio aos versos:

Do livro *O Tempo Consequente* (1966): Réquiem /o homem e outros bichos esquecidos/; Bestiário /O homem e os outros bichos que passeiam/; Os pescadores /o pescadores do velho Poti/; Homem / lavrador do milho [...] em gleba alheia; Os refugiados /As cinco almas/desta família/;

Do livro *A Província Deserta* (1974): Fim-de-Mundo /Pedro galinha, morto no caminho da roça/; Candeias /Vicente Portela, o canoeiro mudo/; Melancholia rural /e os dependentes da terra/;

Do livro *Serra das Confusões* (1978): O Juiz; O Poeta Rural; O adúltero; Maria Piauí; Maria Botina; O Promotor; O Advogado; O Tabelião; O Cronista; O Professor; O orador; O Político; Martim Pescador; O Idiota; O Vaidoso; O Sabido; O Sertanejo; O Pedreiro; O Incapaz; O Bom Samaritano; O padre; dentre outros.

Quanto ao vocabulário que se afigura seco, repetitivo, agudo e imagético, e cujas construções de imagens remetem ao sertão, identificaram-se algumas palavras que constroem os cenários sertanistas dentre os poemas da forma soneto, uma vez que é principalmente por meio dos sonetos que se observa o conjunto temático de poemas que privilegiam a nação nordestina: silêncio; bichos; veredas; tabuleiros; pastagem; curral; rebanho; campos; cinza; ruminar; verões; roças; reses; pássaro; paisagem morta; dias mortos; ovelhas; marrecas; poeira; taperas; gado triste; plantações, mata-pasto, macambira, dentre muitos outros.

Diante dos elementos expostos, encetou-se como primeira leitura, esse exercício de “deslocamento teórico” que compreendeu o universo dobalino como um “lugar-nação-imaginário” na medida em que é concebido pelos elementos que o perfiguram por meio de palavras-chaves, pelo olhar poético que o concebeu, pelos elementos humanos que se fazem

personagens quase invisíveis e pelos leitores, que ajudam a “montar a nação” - “comunidade imaginada”, na medida em que esta se faz, independentemente das pessoas se conhecerem, mas pelo fato destas saberem que os seus pares, mesmo distantes, existem naquela realidade e espaço. Enquanto isso, vê-se que o eu poético, ao tempo em que se constrói nos poemas, elabora também uma tensão temática que é característica da modernidade: de um lado, as memórias que o conduzem ao universo rural, dos bichos ruminando, pássaros cantando e do outro lado (enquanto ele próprio se encontra diante de uma nova realidade) do universo urbano, inserido por meio do olhar do poeta.

2.2. Segunda Leitura – Visada Histórica

Historicamente e de acordo com as teorias visitadas, entende-se que a modernidade refere-se ao tempo posterior à revolução industrial ou seja, após transição do sistema agrário para industrial. Conforme estudos de Ernest Gellner (2000, p.153) “nem as classes nem as nações existem como equipamentos inevitáveis e permanentes da história e não se constituem em unidades de conflito também permanentes.” No Brasil, guardando-se as devidas proporções, as maiores transformações da sociedade referem-se ao tempo em que desenvolveu-se no pólo sul do país a modernização do seu sistema econômico, com a adoção de um projeto industrial de crescimento. Acontece que esse projeto de modernização visava essencialmente ao referido pólo-sul e, obviamente, não prestigiava no seu bojo o então denominado pólo-norte-nordeste do país, o qual ficou relegado a um segundo plano, ou ao qual foi inadvertidamente oferecido um tratamento de descaso, fato que somado aos fatores naturais adversos, fomentou um crescente afastamento das realidades norte-sul do país.

Nesse mesmo período, deu-se início à construção de uma identidade nacional, prestigiando as elites produtoras do país pela perspectiva de que a principal meta dessas elites seria o crescimento nacional. O mapa do país, antes desenhado nesses dois pólos, redividiu-se com o surgimento de um grande centro industrial na região sudeste, sendo este último elevado ao máximo prestígio no cenário nacional, enquanto que, em contraponto, cria-se a idéia da região nordeste, que assim como a idéia de nação, principia como uma comunidade imaginada pelos seus pensadores do meio literário, artístico e cultural. Essa região nordeste foi trazida à tona a partir de suas peculiaridades relativas à condição humana e situações geográfica, econômica e social – enfim, marcas que a faziam reconhecer-se como “não parte” dentro de um contexto de nação que se instalava e à qual atribuíu-se o propósito de homogeneizar seus pólos tendo o sul como paradigma daquele que prosperava e que servia de exemplo.

Este é um recorte histórico que se oferece para contextualizar a emergência do nordeste como espaço de reação ao projeto idealizador de uma hegemonia nacional construída “indiferente às diferenças”.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior contribui para a elucidação dessas idéias no seu livro *A invenção do nordeste e outras artes* quando assevera que:

“ a identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las”. (2009, p.38)

[...]

“A busca das verdadeiras raízes regionais, no campo da cultura, leva à necessidade de inventar uma tradição. Inventando tradições tenta-se estabelecer um equilíbrio entre a nova ordem e a anterior; busca-se conciliar a nova territorialidade com antigos territórios sociais e existenciais. [...] Ao optar pela tradição, pela defesa de um passado em crise, este discurso regionalista nordestino fez a opção pela miséria,

pela paralisia, mantendo parte dos privilégios dos grupos ligados ao latifúndio tradicional [...]”
(2009,p.90)

As afirmações acima são apresentadas para defender a hipótese e corroborar a idéia de que a construção do nordeste deu-se assim como no pensamento andersoniano, ou seja, uma comunidade imaginada, inventada.

Além disso, observa-se que essas regionalizações, de certa forma e por um lado, configuram evidentes cisões na idéia de “nação imaginada”, principalmente no que diz respeito às desigualdades econômicas e sociais de toda natureza, que avultam na superfície de qualquer análise comparativa intentada. A cisão da nação, da qual emergiu o nordeste, deu-se pela constatação das diferenças existentes em relação às categorias propostas para o projeto de modernização e crescimento nacional e a consequente revelação ou denúncia delas por meio das produções artístico-culturais que se manifestavam. Por outro lado, tal cisão, reforça o sentimento da necessidade de “visibilidade/dizibilidade” (conforme diz Albuquerque Jr.) dos valores locais, com vistas à obtenção de maior grau de reconhecimento e de pertencimento no âmbito nacional. Conforme constam em estudos sobre a emergência da região nordeste, em especial em *A Criação do Nordeste*, foram instituídos símbolos para a região, notoriamente eleitos dentre as marcas de uma realidade que se apresentava, de certa forma, “sentimentalmente” vinculada às vivências, naturezas e cotidianos originais dessa sociedade que assim se mantinha numa espécie de “fase agrária”, (associada ao território agreste e inóspito), e que detinha os elementos para a construção desse conceito de “nação-nordestina” - associado elementos naturais tais como os cactos, o mata-pasto, a macambira, sol abrasador, poeira, e os elementos humanos formadores do contexto social (como o vaqueiro, as famílias de retirantes com seus filhos raquíticos), ou do vestuário (chapéu de couro, o gibão), o gado caprino, dentre outros. Essas marcas se consolidaram por meio das artes, marcadamente nos romances regionais tais como *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, *O quinze* de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (somente para exemplificar), dentre muitos outros de grande importância para o cenário da literatura, que ampliaram olhares, perscrutaram a alma do povo dessa região para fazê-los personagens nos romances de conteúdo social ou psicológico, ou também na poesia de temas vinculados à vida e símbolos do sertão nordestino.

A obra poética de H. Dobal não pertence exatamente a esse momento de construção do nordeste, todavia, nela são identificáveis elementos dentre aqueles reconhecidos como símbolos dessa região, ou seja, observam-se na poesia dobalina elementos que a configuram como expressão e parte desses cenários, ainda que vinculados a memórias e ainda que, ao que parece, sem ter como objetivo a preocupação de estar engajado em projetos de quaisquer naturezas. Poeta centrado no fazer poético, Dobal construiu versos de tal maneira “secos” e com linguagem tão “estranhamente” despojada de quaisquer laivos de sentimentalismos, que não se pode deixar de perceber as marcas dessa “nação nordestina” que ele poetizou com notável afastamento, característica que permite ao leitor somente divisar no poema um olhar que se faz à distância. À mostra nos versos ou mesmo nas entrelinhas destes, cabe ao leitor perceber certo convite à reflexão, tons de crítica ou denúncia, marcados pelo “estranhamento”, artifício da poesia moderna que atinge ao leitor exatamente pela capacidade de causar esse efeito dissonante – um choque estético.

Corroborando esse pensamento, escolheu-se um poema do poeta piauiense em que o agreste é, praticamente, desenhado em versos estranhos e imagéticos:

Introdução e rondó sem capricho

Os novinhos do agreste

só têm chifre e culhões
Os **boizinhos do agreste**
estão **na pele e nos ossos**.

Ai terras pobres do Piauí.
Capins cupins. Nestas **chapadas**
corcoveadas de cupins,
e o **capim agreste** não dá sustança,
o **gado magro** mal se mantém.

Nestas trilhas de areia **as seriemas**
procuram cobras. E cantam
os seus **dias de fogo**. Dão as faveiras
sua sombra aos formigueiros.
E os dias **magros** ao homem
Sua quota de vida.

(O Tempo, 2007, p.28)

Vê-se que o poema concentra-se no cenário sertanista nordestino, com seu gado magro, chapadas com corcovas de cupins, capim agreste, trilhas de areia, dias de fogo, o homem e “suas cotas de vida” – as palavras destacadas “compõem um espaço” quase fotográfico de paisagem nordestina. Mas, além de “desenhar” o sertão, o poema faz clara denúncia do estado de pobreza de uma terra e, em tom elegíaco, fala desse gado magro que mal se mantém e das terras pobres do Piauí.

Foi na década de 60 que H. Dobal, publicou *O Tempo Consequente*, dividido em duas partes: *Campo de cinza* e *As formas incompletas*. *Campo de Cinza*, primeira parte, carrega no próprio título a marca da terra seca, das queimadas, do cenário devastado – as cinzas são dessas palavras-chaves no vocabulário poemático estudado, conforme comprovam vários poemas, como no exemplo que se segue:

BESTIÁRIO

O homem e os outros bichos que passeiam
neste campo de cinza te perseguem.
E após tantos verões sua presença
ainda se guarda em ti como na infância.

E em ti faz antiga esta lembrança
do descuidado andar nestas veredas
de gado. Mas outra vez nos tabuleiros
de abril teu cavalim de carnaúba
estradando no ar campeia ovelhas.
Vence os campos de outrora e as miunças
soltas do seu passado te restauram

em teu tempo. Teu tempo conseqüente
neste imenso curral em que te amansas
triste e só campeador de lembranças.
(O Tempo, 2007, p.30)

Novamente, vê-se que o poema concentra-se no cenário sertanista nordestino, com seus “campos de cinza”, veredas de gado, tabuleiros, “cavalim de carnaúba”, miunças e na associação dos seres humanos aos bichos em geral. As memórias do poeta, trazidas pelo eu poético, referem-se aos campos de outrora (um passado que é restaurado e que também

restaura) mas advém de um olhar que se constrói num “tempo consequente” – em que se encontra o olhar poético, no momento mesmo da construção poemática.

Acerca da memória, que é grande fonte dos cenários imagéticos nos poemas do balinês e é recorrentemente acessada pelo poeta, encontrou-se na obra já mencionada de Durval Muniz de Albuquerque Jr. alguns comentários que somam-se para a compreensão dessa “construção imaginária” da região nordeste:

[...] A região Nordeste, que surge na “paisagem imaginária” do país, no final da primeira década desse século, substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul, foi fundada na saudade e na tradição.[...] (2007, p.78)

[...] É na memória que se juntam fragmentos da história, lembranças pessoais, de catástrofes, de fatos épicos que desenham o rosto da região. Um espaço sem claros, preenchido completamente por estes textos, imagens e sons que lhe dão espessura. Espaço onde nada é provisório, onde tudo parece sólido como a casa-grande e pedra e os móveis de mogno e jacarandá; onde tudo parece tranquilo, vagaroso como o balançar na rede ou na cadeira, região da permanência, do ritmo lento [...] (2007, p.96)

Outros poemas oferecem, de forma recorrente, vocabulário que se constitui como um conjunto de palavras-chaves na construção desse universo poético cujos conteúdos convergem para simbolizar a idéia de nação nordestina, território da paisagem seca, dos humanos “resignados na sua pobreza”, da realidade conduzida pela natureza, sujeito determinante, além de outros aspectos, conforme excertos de poemas abaixo:

O VERÃO

Quando a poeira do verão cobria
a tarde cega e dominava o campo
nas fazendas de gado e de lavoura
Onde em silêncio a vida se enterrava.
[...]
Quando o homem e os outros seres se fechavam
pedindo à poeira e ao silêncio o fim
da tarde cega, a morte do verão.
(A Província, 2007, p.114)

FIM-DE-DE-MUNDO

É por vontade de Deus
que se morre assim neste fim-de-mundo
[...]
Como as cascavéis
enroladas ao sol,
[...]
Pobre vive de teimoso.
Aqui ninguém se suicida.
[...]
Aqui a vida é um morrer vagaroso
Um ir e vir de sofrimento
(A Província, 2007, p.118)

O vocabulário do poema “O verão” é também permeado por elementos da nação nordestina: a poeira do verão que invade os campos, as fazendas e os homens junto a outros bichos, significativamente, pedindo à natureza “o fim da tarde cega” – a natureza representada pela tarde é responsável por providenciar a “morte do verão”, levando-o consigo quando chega a noite, certamente mais amena.

No exemplo seguinte, “Fim-de-mundo” - o cenário das cascavéis enroladas ao sol, revelam o lugar – e associado à cena árida campesina - a morte, a vida como teimosia, a pobreza como condição irrevogável, talvez até a aceitação do sofrimento e uma espécie de submissão à vontade divina.

Outro poema marcado pela temática e exemplificado pelos versos a seguir faz parte dos *Novos Poemas*, insertos no volume *Poesia Reunida* (2007):

ELEGIA DAS ÁGUAS PERDIDAS

Terra **seca**.
Terra **pobre**.
Terra **triste**.

A taciturna paisagem se expõe
sem a **benção das águas**.

[...]

(Poesia Reunida. Novos, 2007, p.283)

Este poema, além de reiterar a expressão do lugar poetizado com seus adjetivos seca, pobre e triste, por outro lado, também consegue dizer que nesse lugar particular que é o sertão, as águas são recebidas como benções – providência divina.

Albuquerque Muniz argumenta, nos seus estudos, que a região nordeste, de certa forma, rebelou-se contra a construção “nacionalista” que tratava as desigualdades existentes como conteúdo homogêneo. Conforme o estudioso expõe, a produção literária, atenta ao momento e contexto, encarregou-se de registrar os tipos de vida e condições sociais do nordeste que não poderiam ser igualadas ao sul e em que notadamente haviam diferenças sócio-econômicas, políticas e culturais. Enfim, naquele contexto, foram construídas, ou talvez, eleitas, as simbologias que passaram a demarcar a “nação nordestina” que, como mencionou-se, surgia em oposição à grande nação “imaginadamente” homogênea. Mesmo não vivenciando precisamente aquele momento, Dobal fez poesia com seus versos “agudos”, impregnada por essa realidade reiteradas vezes simbolizada e desse espaço tornado “objeto de arte” resultou que em poesia, assim como em outras artes, uma nação foi imaginada e se construiu.

3. Região x Nação – escrita dupla

Seguindo-se nesta trilha, encontram-se na obra poemática de H. Dobal muitas dessas marcas de uma *nordestinidade*, que se caracterizam como parte dessa “construção” regional, da qual se encontram registros na literatura e outras artes. De acordo com o pensamento de Albuquerque Jr., nas abordagens mais tradicionais, o povo nordestino era descrito, pintado ou esculpido como aquele “povo migrante” ou mais conhecido ainda como “retirante”, cujas numerosas famílias se deslocavam pelo sertão, em busca de melhor lugar para sobreviver e cujo sofrimento era praticamente condição intrínseca, modo irremediável de ser e de viver. Como mencionou-se no desenrolar das argumentações, na poemática dobalina, até mesmo seu vocabulário seco, exato, revela a presença que se propõe neste estudo chamar-se de “nação nordestina”, neste enfoque, uma espécie de contra-narrativa, aproximando-se do que afirma Homi Bhabha, (*O Local da Cultura*, 2003), quando diz que as contra-narrativas da nação “perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas” e acrescenta ainda que a “inversão narrativa ou circulação [...] torna insustentáveis quaisquer reivindicações hegemônicas ou nacionalistas”.

E assim, entende-se que é possível adotar o conceito “dissemi-nação” de Homi Bhabha, que traz a concepção de uma “escrita-dupla”, na qual escrevem “de um lado os operadores do “pedagógico, ou seja, os gestores da nação e do outro lado, no caso os operadores do “performativo” onde escreve [...] o povo que juntamente com os gestores integralizam a nação”. No caso em estudo, os cidadãos nordestinos, operadores do “performativo” se insurgem para dizer da sua diferença perante a tentativa de hegemonia instaurada pelos operadores do “pedagógico” – Eis a contra-narrativa.

Concebe-se assim, com fundamentação no pensamento dos estudiosos já mencionados, a possibilidade de se pensar o nordeste como sendo uma idéia de nação dentro da outra, mas, com características próprias em termos geográficos, étnicos, sócio-econômicos e culturais, motivos que a distinguiram da nação maior. Insinua-se também, por inferência e em paralelo, a idéia da existência de nações brasileiras, plenas de diferenças, e que mesmo na hipótese de serem “imaginadas” pelos demais integrantes da Grande Nação, se encontram em “alguma margem” desta última. No poema a seguir, um eu lírico aprofunda metáforas para dizer da construção de uma “certa raça” e após os últimos versos, o poeta apõe uma espécie de epígrafe final, bastante elucidativa:

A RAÇA

Dos **dias secos**
daquele tempo
para sempre
vai rompendo a flor.
De inverno e de verão
de solidão se faz.

[...]
Sem pressa vai-se formando
um **cansaço raciado**.
Um cruzar de sangue renitente
nascer de novo.

E tanto nascendo
contra os **dias secos**
se faz desflorida
a **raça comum**.

Como **fogo dormido**
se faz a semente
que gerou esta raça
sem foro de ódio
de igual para igual.

“Demais, neste sertão, por costume antiquíssimo, a mesma estimação tem brancos, mulatos, e pretos, e todos, uns e outros, se tratam com recíproca igualdade...” Carta do Governador do Piauí ao ministro de ultramar, em 9 de outubro de 1766”.

(O tempo, 2007, p.42)

A citação histórica remete ao século XVIII e parece constar, ao menos aparentemente, de uma tentativa de fundamentar a questão suscitada pelo poema, em cujos versos é comentada a “geração de uma raça comum” - “num cruzar de sangue renitente”, “de igual pra igual”- construtora de um “cansaço raciado”. Nesta leitura entende-se que a aposição da citação pelo poeta pode ser identificada como um meio de lembrar o depoimento deixado pelo lado pedagógico da escrita da nação, ou seja, nos termos da “escrita dupla” de Homi Bhabha, o Governador do Piauí estaria no lugar de “gestor da nação” – assim, (reitera-se que numa possível leitura, afinal não conseguiu-se obter o completo teor da carta em questão), enquanto representante “operador do pedagógico”, em termos do que consta no poema, preferia reproduzir ou mesmo “vender a imagem” de que o povo, as pessoas entre si, independente das raças, conviviam em igualdade, por costume, apesar da mescla de etnias. A idéia contida nos versos faz referência a um povo “sem foro de ódio/ de igual para igual”, povo igual, raça comum, “sem pressa”, possibilitando uma

associação com o que (conforme o regionalismo tradicional) deu origem a um povo resignado e também apegado às credences e desígnios divinos, ocorrências (talvez, pedagógicas) que impregnaram por muito tempo essa “nação imaginada” em cujo meio tanto a seca como o milagre das chuvas eram destino quase místico.

Albuquerque Júnior (2009, p.56) comenta que na visão dos intelectuais Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira, estes consideravam “o nordestino o próprio exemplo de degeneração racial [...] a miséria uma consequência do encontro entre um habitat desfavorável e uma raça, fruto do cruzamento de indivíduos de raças extremas e da submestiçagem”.

O depoimento serve para demonstrar como era de conhecimento público o pensamento de que os sulistas, descendentes dos europeus, em especial os paulistas, postulavam “sua superioridade como meio e como povo, e sua ascendência política e econômica no seio da nação”.

Comenta ainda, Albuquerque Júnior, a compreensão de que o “regionalismo paulista se configurava como um “regionalismo de superioridade”, enquanto que o regionalismo nordestino era relativo a uma grande região rural, devastada pelas calamidades, configurando seu “regionalismo de inferioridade”.

Para reiterar o entendimento dessa espécie de “dupla escrita” em relação à emergência da “nação nordestina”, observou-se que manifestaram-se posições antitéticas quanto à essa emergência: se por um lado, as representações da “nação nordestina” se insurgiam denunciando as diferenças de toda natureza existentes, por outro lado, o pólo hegemônico representado pelo sul se encarregava de reiterar estereótipos depreciativos da imagem dos povos do nordeste, encarregando-se de disseminá-los pelos meios de comunicação dominantes à época.

Nesta altura dos estudos de Albuquerque Junior, é mencionado um grande número de jornais que circulavam e que se ocupavam em popularizar a idéia desse “regionalismo inferior” que necessariamente seria invadido pelos influxos modernizantes.

Por analogia ou ainda didaticamente, comparou-se, com brevidade, os percursos da construção do nordeste contextualizada pela argumentação de Albuquerque Jr. com os estudos de Edward Said acerca do orientalismo, tendo em vista as semelhanças observadas. Afinal, o orientalismo é definido por Said como uma construção européia, ou seja, uma invenção ocidental. Percebe-se que assim como o oriente é reconhecido como constructo da cultura européia, o nordeste (enquanto objeto dessa espécie de escrita dupla) apesar da sua predominante emergência verificar-se a partir das manifestações artístico-culturais, por outro prisma, pode-se dizer que também foi co-inventado como “o outro” de São Paulo, ou seja, uma construção para o consumo do sul:

Os dois regimes de enunciação possuem uma independência, as palavras e as coisas são independentes; a região se institui paulatinamente, por meio de prática e discursos, imagens e textos que podem ter, ou não, relação entre si, um não representa o outro. A verdade sobre a região é constituída a partir dessa batalha entre o visível e o dizível.[...] Falar e ver são forma diversas de dominar este objeto regional [...]

(ALBUQUERQUE Jr., 2009, p.59)

Desta maneira, vê-se que a reação “performatizada” pelos cidadãos da região nordeste em direção à sua auto-valorização, busca de projeção e reconhecimento nacional teve como contraponto uma reação também regionalista, porém de natureza diferenciada: o regionalismo do sul, (o qual representa, enquanto lado do poder econômico, o lado pedagógico da escrita) que de certa forma, negava-se a reconhecer os valores que se

distinguiam no nordeste e como reação passava a disseminar, via discursos veiculados pela mídia à época, imagens jocosas, depreciativas dos brasileiros dessa região. Ao que parece, por esse pressuposto encetado, o lado “pedagógico” da escrita da nação não atuou como deveria, no sentido de defender a primazia do então crescente estado-nação. Dessa forma vê-se que a emergência do nordeste além dos fatores a ele inerentes e já comentados, de certa forma, teve a co-participação da região sul que atuou de forma “desestruturante”, gerando estigmas que, na atualidade, apesar de não mais se encontrarem tão fortes, ainda perduram em alguns aspectos da realidade.

4. A diferença na poesia de H. Dobal

Neste tópico, recorre-se novamente à afirmação de que na poesia dobalina, o sertão aparece por meio do cenário e vocabulário e que apesar de conservar tais cenários no tempo das memórias e infância, Dobal acrescenta a eles o efeito do “estranhamento”, conceito da poesia moderna, segundo o qual utilizando-se dos recursos literários tais como “desrealização” e “deformação”, causadores desse efeito - o poeta promove um “choque no leitor” - característica que “interpela” esse leitor, convocando-o para uma atenção redobrada – como resultado, saltam dos versos secos e das imagens “dissonantes”, temas tais como, a dizimação do índios, a presença dos latifúndios, os homens que se assemelham aos bichos e que vivem suas “quotas de vida” e que são donos de nada e “queimam o céu” ou ainda “plantam o fogo” e possuem “criação miúda ou “gado cabrum” conforme excertos de poemas a seguir:

FAZENDA

São trinta cabeças
de gado cabrum.
Criação miúda
sem qualquer ciência.
Somente um chiqueiro
defesa noturna
que bem cedo aberto
o dia lhes dá.
[...]
Mas vem da morte
sua serventia
O couro e a carne para o homem
mais pobre do que elas.
(O tempo, 2007, p.36)

GLEBA DE AUSENTES

Onde serão as roças planta-se primeiro
o fogo. E em cinza as chamadas
vão turvando o céu
de uma cidade ardente.
Ardemos no peso da tarde
com a cinza do sol nos campos do verão.
[...]
(O tempo, 2007, p.44)

Vê-se que quando Dobal promove a “diferença” com os recursos de estranhamento, com as quais ressalta as marcas do território-nação-nordestina.

Essa “diferença” que se verifica na produção poética de H. Dobal, (**reitera-se a importância do detalhe**) “não se construiu” com um discurso regionalista carregado de sentimentalismos ou lágrimas, mas faz uso de uma linguagem especialmente seca, recorrentemente acessada pelo viés da memória, versejada com palavras/vocabulário quase exclusivo para o seu objeto. O horizonte poetizado por Dobal é trazido à condição de poesia numa forma especialmente despojada de artifícios, tal como o cotidiano da cidade é poetizado pelos poetas modernos. O espaço rural degradado, pauperizado, ganha status de poesia e o vocabulário “dobalino” é feito verso de uma maneira tão rigorosa, tão dura, tão seca, que resulta nesse estranhamento de que já se falou anteriormente. Desta maneira, nos termos em que esclarecem os estudos de Albuquerque Júnior, a poesia de H. Dobal não se

espelha no dito regionalismo tradicional, mas elabora de maneira “particular” esse universo rural do nordeste, seu conhecido, impregnado por memórias de infância.

Segundo Albuquerque Junior, “o discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui”, entretanto, argumenta-se que, em se falando da poesia dobalina, esta produção poética, construída no final do século XX, já se deparou com a seca no nordeste como instituto regional e nacional. O que o poeta faz é, fundado na tradição moderna, reconstruir pela memória, como opção para não deixar esquecer.

Ainda em Albuquerque, encontra-se que para os intelectuais nacionalistas tal como Sampaio Ferraz (p.63), “o apego natural à terra natal não colide com a formação da nacionalidade, mas se constitui num pré-requisito indispensável” e também que “os próprios modernistas achavam que a consciência regional era a primeira forma e manifestação da consciência nacional”.

Por um prisma, ao tempo em que Dobal, como disse Manoel Bandeira “fixava sua terra, rica de sentimento visceral da terra”, também a seu modo, contribuiu para o “instituto da nação regional”, assim como entende Albuquerque Júnior, colaborando para o somatório dessa nação plural, em que convivem diferentes tipos de identidades regionais.

Corroborar essa assertiva, o que diz Antonio Cândido (apud Albuquerque Júnior, p.65) quando afirmou que “o nosso nacionalismo foi antes forjado em posições regionalistas”. Sobre isto Albuquerque complementa a idéia quando comenta que “a literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade [...]”.

Albuquerque faz análise das obras dos mais representativos autores do romance regionalista, onde consta o comentário acerca do livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, no qual, segundo ele, existe uma dicotomia em que mostra o sertão como “o lugar onde a nacionalidade se esconde, livre de influências estrangeiras” ao tempo em que o litoral representa o espaço do processo colonizador e desnacionalizador. E acrescenta que “O tema do sertão serve para os intelectuais nacionalistas lançarem uma crítica a toda a cultura de importação, à subserviência litorânea, aos padrões culturais externos”.

Com esse enfoque vale comentar o poema *O Sertanejo*, de H. Dobal, em que fica claramente caracterizado o habitante dos sertões, representado pelo personagem poetizado:

O SERTANEJO

O professor Gonçalo Neves
era um **homem de água doce**.
entre os **rios temporários**.
No sertão da vida
de 59 anos,
o mar oceano
uma **referência remota**.

(A Serra, 2007, p.160)

O poema acima faz uma descrição simples e clara da condição do sertanejo – “homem de água doce” – “entre rios temporários” – “o mar oceano [...] uma referência remota. Em poucos versos, o poema consegue cingir um retrato sertanejo, quando mostra um personagem que aos 59 de anos de vida, nunca viu o mar - seu horizonte se restringiu aos sertões interioranos - o personagem Prof. Gonçalo, homem de “água doce”, corresponde exatamente ao paradigma do sertanejo cujo poema intitula. Longe do litoral, longe das influências externas, o homem de água doce representa o que há de mais puramente nacional, ou seja, o sertão.

É verdade que Albuquerque propõe uma releitura “pelo avesso” dessas obras que instituíram o nordeste, reelaborando a idéia dessa região e invertendo imagens tradicionalistas em que os nordestinos que aparecem no lugar de vítimas, de injustiçados, ao contrário, deveriam ser mais documentados como parte desse celeiro de valores, talentos e perspectivas. Quanto à obra de Dobal, esta não se insere nesse último momento, mas, num meio termo, em que o autor encontra as imagens instituídas e as refaz com os recursos imagéticos modernos, secos, estranhos, porém ainda vinculados ao instituto da identidade regional, marcados por um olhar poético que traduz o estranhamento às imagens poetizadas, interpelando, provocando olhares para as mesmas.

5. A nação indígena na poesia de H. Dobal – memória e esquecimento

Dobal também poetizou a idéia de “nação indígena”, outra nação cuja história deveria ter sido fielmente incorporada “nos anais da história oficial” pela grande nação, mas que restou incontroversa nas histórias de dizimações atroz, como narra o poema *El Matador*, cujos excertos exemplificam a seguir:

EL MATADOR

“1776 – Agosto, 1º - Tem começo guerra contra os índios Pimenteiras, para a qual marchou neste dia, da cidade de Oeiras, uma forte expedição militar sob o comando do tenente-coronel João do Rêgo Castello Branco.”

De sangue e de fogo
se faz um nome.
No sangue e no fogo
se desfaz a história
de muitas vidas.

[...]

A sangue e fogo
a ferro e fogo
um homem liquida
seus semelhantes.

“... foram presos uns e postos em pedaços outros, trazendo-se as orelhas destes que se pregaram nos lugares públicos da aldeia.”

[...]

Acoroazes
Pimenteiras
Guegueses

Raça extinta
lembrança extinta
nomes nações
apagados
no próprio sangue.

[...]

(O Dia, 2007, p.97-100)

O poema interpela o leitor à realidade que, se não foi “esquecida” pela história oficial, certamente foi bastante esmaecida nos seus contornos. Trata-se de uma narrativa poética que pretende lembrar aquilo que foi ensinado à nação a esquecer. De imediato, emerge a questão de como se pode “imaginar” uma nação cujos integrantes mais remotos foram tão cruelmente “apagados” da história?

Ernest Renan (Apud GELLNER, p.147-148) responde a esse questão em poucas palavras: “a base da identidade nacional não é a memória, mas a amnésia”. Na mesma

trilha do raciocínio Gellner (p.148) complementa: “O nacionalismo ocidental desconhece e não explora a diversidade popular. Portanto, as opções são: memória criada ou esquecimento induzido”. Vê-se que a história que a história pode até fazer esquecer, mas a poesia, plena de memórias, faz recordar.

Observando-se os versos do poema: *Raça extinta/ lembrança extinta/ nomes nações/ apagados/* no próprio sangue/ vê-se que o poeta fez os versos para mencionar exatamente a questão da construção da memória histórica, por vezes ressaltada, por vezes apagada em nome de uma verdade construída.

No ensaio “Memória e esquecimento”, do livro *Comunidades Imaginadas* de Anderson, o estudioso aborda exatamente este assunto, acerca de construções históricas (e que neste caso também é pertinente) quando diz: “[...] a biografia da nação agarra à revelia dos índices de mortalidade, aqueles suicídios exemplares, martírios dolorosos, assassinatos, execuções, guerras e holocaustos. Mas para servir à finalidade narrativa, essas mortes precisam ser lembradas/esquecidas como ‘nossas mortes’”.

Nessa perspectiva faz-se pertinente o pensamento de Homi Bhabha, acerca do esquecimento na construção da nação, corroborando a idéia de Benedict Anderson, ao dizer que:

Ser obrigado a esquecer – na construção do presente nacional – não é uma questão de memória histórica; é a construção de um discurso sobre a sociedade que desempenha a totalização problemática da vontade nacional.[...] Ser obrigado a esquecer se torna a base para recordar a nação, povoando-a de novo.
(BHABHA, 2003, p.226)

H. Dobal escreveu versos adensados nessas questões das nações, por uma visão de mundo que o fez observar as trilhas deixadas pelas construções históricas e então imaginá-las sintetizadas e, de certa forma, hermetizadas na forma de poemas.

Comentários conclusivos:

Os conceitos de nação examinados e propostos pelos estudiosos mencionados no decorrer desta escrita, propiciam reflexões profundas acerca das produções literárias nos seus contextos. No final da década de 60 e meados da década de 70, quando foram publicados os livros dos poemas escolhidos neste estudo, o cenário político nacional era bastante adverso às críticas sociais escancaradas. Percebe-se que a construção poética do balneário não se propõe a desfraldar bandeiras políticas ou esforços vãos. Se os leitores encontram alguns desses elementos impregnados na poesia, isto se deve ao fato de que a obra poética de H. Dobal é sua própria construção identitária – oportunizada pela experiência no encontro com as *alteridades* visitadas, que estão representadas pelos poemas referentes aos períodos em que o poeta viveu na Europa e sentiu na pele a *diferença* em relação ao “sujeito europeu”. Quanto mais distante das origens, mais forte o poeta percebeu seus vínculos à sua terra. A significativa maioria dos poemas se faz no tempo das memórias em que o sujeito poético se encontra entre devaneio e sonho. O olhar poético volta-se para o passado “de um menino” e retorna ao presente, quando acrescenta algumas dessas brevíssimas e contundentes reflexões.

Quanto ao propósito inicial de tentar entender esse universo poético, cujo tempo transcorre nessa *durreé*, visivelmente marcado por palavras secas, e cenários imagéticos onde predominam os bichos, a poeira, o ruminar dos seres, o sol na tarde cega, o tempo imóvel, propõe-se que o conjunto poemático se inscreve como “memórias de um espaço rural sertanista” fragmento de nação nordestina, por sua vez fragmento de nação brasileira,

cujo surgimento está vinculado à construção da idéia nacionalismo, porém às avessas ao quadro político daquelas décadas, em que governos militares no poder massificavam um projeto de crescimento nacional, tendo como pano de fundo as marcas do regime ditatorial. Essas memórias poetizadas, apesar de estarem contidas num universo particular, são significativamente exemplares enquanto produção literária vinculada ao desejo de anunciar as diferenças existentes entre as realidades urbana e rural, entre os mundos diversificados que são as sociedades que se associam ao projeto de desenvolvimento e a outra sociedade que é construída à margem desse processo, e que também se caracteriza como escrita performativa, naquele processo de *escrita dupla* proposto por Bhabha.

Esboçou-se com resultado, desde uma possível leitura de “comunidade imaginada” na construção do nordeste propriamente enquanto nação que se institui no seio da grande nação brasileira, tal como na idéia concebida por Anderson, mas também quando, num “deslocamento” dos conceitos ao universo poético, viu-se a possibilidade de construção dessa nação particular do balneário, em que até mesmo os leitores podem estar inseridos como conhecedores da nação à qual podem pertencer e que podem ajudar a construir por meio da leitura. Nesse leque de possibilidades, também é mostrada uma leitura da emergência da nação nordestina como contra-narrativa, nos termos da proposta de *Dissemi-nação* conforme Homi Bhabha, que afirma que “o povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal e que seu movimento requer uma ‘duplicidade’[...]”

O mais importante foi perceber que algumas construções de projetos nacionais podem ser aprofundadas neste corpus literário que foi brevemente perscrutado.

A poesia de H. Dobal quis dar visibilidade à paisagem do sertão e essa visibilidade ressaltada pelo vocabulário seco e despojado é que permite a construção dessa idéia de identidade particular, à qual a própria obra refere.

A memória, nesse processo de lembrar ou esquecer, ao tempo em que lembra aspectos, esquece alguns ou “elege” outros e assim a história é construída e bem assim qualquer nação.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BREUILLY, Jonh. **Abordagens do nacionalismo, in Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- DOBAL, H. **Poesia reunida**. Teresina: Plug, 2007.
- GELLNER, Ernest. **Advento do Nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe, in Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- SAID, Edward W. **Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.